

## **Jornal da Tarde**

**16/5/1984**

### **Revolta, tumulto, saques.**

*Os bóias-frias da cidade de Guariba revoltaram-se ontem, e durante toda a manhã promoveram um violento protesto, saqueando um supermercado e destruindo o escritório da Sabesp. Só foram contidos com a chegada de tropas de choque de cidades vizinhas. Os bóias-frias queriam melhorar suas condições de trabalho (o que conseguiram) e exigiam da Sabesp tarifas mais baixas.*

Reportagem de Carlos Alberto Nonino e Galeno Amorim

O pequeno contingente da Polícia Militar na cidade — 16 soldados, dos quais 12 estavam em serviço — não se atreveu a enfrentar os manifestantes. O comércio fechou as portas e mesmo assim supermercado não escapou e foi saqueado. Nas escolas, temia-se pela segurança das crianças. Nas estradas de acesso, a Polícia Rodoviária aconselhava todos a não entrar na cidade.

Guariba, cidade de 20 mil habitantes, a 50 quilômetros de Ribeirão Preto, estava praticamente em poder de quase cinco mil bóias-frias que promoviam saques e depredações ontem de manhã. Era um protesto contra suas condições de trabalho e as taxas obradas pela Sabesp, empresa que foi a maior prejudicada pelo quebra-quebra: do seu escritório local, nem o prédio resistiu, porque a maior parte dele caiu.

Nas condições de trabalho, a maior questão era quanto à ampliação de cinco para sete do número de ruas em que têm de trabalhar no canavial. Os trabalhadores reclamavam de ter que percorrer um espaço maior carregando a cana cortada, até o ponto onde ela é apanhada por máquinas carregadeiras. Ontem à noite, em reunião realizada na sede do Sindicato Rural (patronal) de Jaboticabal, com a presença de usineiros da região e do secretário estadual do Trabalho, Almir Pazzianotto, decidiu-se voltar ao sistema de cinco ruas.

### **Morte**

A tropa de choque da PM enviada das cidades próximas chegou a Guariba às 10h30, quando a revolta foi dominada, embora só às 12 horas a situação se acalmasse realmente. No confronto entre manifestantes e policiais, um homem morreu: o aposentado Amaral Vaz Meloni, de 60 anos, que acompanhava de longe o saque ao supermercado e recebeu um tiro no rosto. Ficaram feridas pelo menos 19 pessoas, entre elas Izilda Bezerra, baleada no tórax e internada no Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto. Dois policiais também se feriram, um dos quais o tenente José Guelch de Aguiar, que levou um tiro no ombro e está internado em estado grave em Araraquara.

O levante começou às 5 horas da manhã, quando, através da formação de piquetes, vários grupos de bóias-frias evitaram o tráfego dos caminhões que transportariam os trabalhadores para as usinas de cana.

O maior grupo concentrou-se defronte ao escritório da Sabesp, onde tiveram início os protestos, seguidos de depredações com picaretas e pedaços de pau. Máquinas, documentação, até avisos de cobrança de água que seriam distribuídos para os 4.300 contribuintes da cidade foram destruídos. Dali, os manifestantes foram para a casa das bombas, que fica a 500 metros, e queimaram dois veículos da empresa, uma caminhoneta e um caminhão.

"A desordem já estava insuportável e, como eles estavam quebrando tudo, não adiantou mais falar e resolvi sair", contou Joaquim Lúcio da Silva, 54 anos, porteiro da garagem da prefeitura, anexa à casa das bombas da Sabesp. Os mais revoltados usavam podões de cortar cana e picavam em pedacinhos documentos do arquivo da empresa.

Já passava das 10 horas e a multidão saiu em passeata, parando diante da casa do presidente do Diretório Municipal do PMDB Cláudio Amorim, proprietário do maior supermercado de Guariba. O supermercado foi então saqueado.

— A gente estava acompanhando tudo de longe, junto com um policial, mas pensamos que o pessoal ia passar reto. Aí, um homem gritou: "Vamos para o supermercado". E foram todos, parecendo uma boiada — contou a filha do comerciante Claudinete Amorim, que está grávida e desmaiou durante o tumulto.

Os trabalhadores, a maior parte fregueses do supermercado, levaram Cr\$ 50 milhões em dinheiro, cheques e vales, e mais Cr\$ 100 milhões em mercadorias, especialmente aparelhos eletrodomésticos; dois veículos foram queimados. A essa altura, os 12 policiais do destacamento de Guariba tentaram resistir, mas desistiram e o prédio foi tomado pelos manifestantes.

A tropa de choque da Polícia Militar só chegou por volta das 10h30 da manhã quando a revolta foi dominada. Cerca de 200 policiais das cidades da região usaram cães e bombas de gás lacrimogêneo para dispersar os saqueadores.

Os moradores de Guariba ficaram sem água durante todo o dia e a energia elétrica só voltou no meio da tarde. Há suspeita de que a água tenha sido contaminada, pois peritos da delegacia seccional de Araraquara encontraram um pacote de formicida perto de um dos reservatórios subterrâneos da Sabesp. Mas o gerente regional da empresa em Franca, José Stefano, afasta a possibilidade de envenenamento: "Cortamos toda a distribuição de água até que tudo seja resolvido".

Stefano assegurou que 12 funcionários passariam a noite limpando os reservatórios e a rede de distribuição para evitar problemas. Os moradores serão abastecidos com a água proveniente de um poço artesiano e seis drenos, depois que toda a rede for higienizada.

"O povo já não pode comer, porque está tudo caro, e agora tem que evitar também o consumo de água", disse Benedito Magalhães, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Jaboticabal, com área de ação em Guariba, para explicar a revolta da população. "O movimento foi espontâneo, mas tem o meu apoio, porque realmente a situação está muito difícil", acrescentou.

O trabalhador que faz o corte da cana ganha pouco, comenta o presidente do Sindicato, e desde o ano passado é obrigado a um esforço físico muito maior devido à mudança do sistema de trabalho, de cinco para sete ruas. "Já fizemos várias reivindicações para a volta do sistema antigo, não fomos atendidos, e isso provoca revolta", diz Magalhães.

A isso, acrescentou, juntou-se o protesto contra as taxas cobradas pela Sabesp, que reduziu a faixa para cobrança da tarifa mínima e elevou em 100% o custo pela coleta de esgotos em relação ao consumo d'água. Tem havido várias reclamações. Casas humildes pagam em torno de 15 mil cruzeiros por mês à empresa.

À frente desse protesto contra a Sabesp está o prefeito Evandro Vitorino do PMDB, que não estava na cidade ontem, mas num dos últimos números do semanário local A Comarca, publicou um manifesto em que advertia: "Não estou incentivando o povo a tomar uma atitude, que é o que se ouve falar constantemente, mas, se alguma for tomada, terá o meu apoio".

Criticando o seu antecessor, Paulo Mangolini, do PDS, por ter aderido à Sabesp num contrato de 30 anos, e lembrando que já tentou de várias formas uma solução, sem resultado, Evandro Vitorino frisou: "Fico numa posição de não poder fazer nada. Os preços abusivos ninguém suporta mais, e estou com o povo para o que der e vier".

Diante dessa posição, opositores do prefeito atribuíram a ele a responsabilidade pelo que aconteceu ontem, denunciando ainda o vice-prefeito, João Evangelista — também ausente de Guariba ontem — que, na noite anterior, segundo alguns populares, teria afirmado, em conversa num bar, "que o povo vai protestar conta a Sabesp".

O delegado de Guariba, Luiz Carlos Santelo, refuta qualquer possibilidade de infiltração política no movimento que deu origem às depredações. O subcomandante do 13º Batalhão da PM, de Araraquara, major Fábio Guimarães da Fonseca, já esperava por manifestações: "Nós já pensávamos em mandar reforço policial à cidade para evitar distúrbios, mas infelizmente eles agiram antes, além do que os saques não estavam previstos", observou.

Já o presidente da Câmara Municipal, José Francisco Caporusso, do PMDB, não quis indicar os possíveis culpados pelos distúrbios: "É claro que as tarifas de água são exorbitantes, mas eles misturaram tudo, greve com violência. São grupos de fora que agiram, mas não me pergunte quem são", assinalou.